

Casamento tradicional resiste no ABC e segue à frente da união consensual

George Garcia

O levantamento sobre nupcialidade do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), um estudo feito com base no Censo 2022, aponta que no Brasil, pela primeira vez, as uniões consensuais superaram os casamentos tradicionais em que os casais formalizam a união no cartório e na igreja. Os números, no entanto, apontam que o ABC se descola da realidade nacional; por aqui as uniões são mais tradicionais, demonstrando maior conservadorismo, mesmo assim as uniões consensuais se aproximam muito dos casamentos, em Diadema há quase um empate.

Considerando o universo pesquisado na região, de 1.240.201 uniões, a esmagadora maioria, 581.584 ou 46,9%, é de uniões tradicionais em que os casais celebraram a união no civil e no religioso. A união consensual aparece em segundo lugar com 342.023, o que corresponde a 27,6%. O casório só no civil vem logo em seguida 305.133 uniões (24,6%) e só 11.511 optaram por oficializar a união apenas perante a igreja, o que equivale a 0,93%.

Diadema é a cidade do ABC onde a diferença entre casamento tradicional e a união consensual, foi menor na região. Por menos de um por cento de diferença, a união formalizada no religioso e no civil ficou à frente. Na cidade, do total de 192.681 casamentos da pesquisa, 61.033 foram tradicionais (36% do total) e 59.859 (35,32%) foram de uniões consensuais. O casamento somente no civil representou 27,4% (46.427 casamentos) e aquelas uniões formalizadas apenas no religioso representaram 1,28% (2.173).

A diferença maior entre tradicional e consensual é observada em São Caetano, onde praticamente seis em cada dez casamentos ocorre no formato tradicional com celebração religiosa e formalização no civil. Na cidade das 77.691 uniões, 45.499 (58,6%) foram neste modelo. A união só no civil é o segundo formato mais comum de casamento na cidade, com 15.989 uniões ou 20,6%. A união consensual é somente o terceiro formato de formação de casais na cidade, somando 15.567 (20%) e por último vem o casamento só no religioso, escolhido

por 637 casais (0,82%).

Outra cidade onde a união consensual é apenas o terceiro formato mais utilizado, é Ribeirão Pires. Na cidade o casamento tradicional é preferência de 5 em cada 10 casais. Das 52.824 uniões, 26.011 (49,2%) ocorreram na igreja e no cartório. O casamento só no civil foi escolhido por 13.637 casais (25,8%), já a união consensual foi a escolha de 12.747 (24,1%) e por último os casamentos só no religioso que somam 428, representando 0,81%.

Casais por natureza de união conjugal

	Total	Casamento civil e religioso	Somente civil	Somente religioso	União consensual
Brasil	90.315.395	34.251.085	18.524.604	2.387.139	35.149.318
Diadema	169.492	61.033	46.427	2.173	59.859
Mauá	192.681	82.255	50.135	1.773	58.518
Ribeirão Pires	52.824	26.011	13.637	428	12.747
Rio Grande da Serra	19.123	7.909	5.479	97	5.638
Santo André	355.361	182.975	81.218	2.860	88.308
São Bernardo	373.029	175.852	92.248	3.543	101.386
São Caetano	77.691	45.499	15.989	637	15.567
Total do ABC	1.240.201	581.534	305.133	11.511	342.023

Fonte: IBGE

Nas demais cidades a união consensual é o segundo modelo de casamento mais adotado, com percentuais ainda distantes do casamento tradicional, mas bem próximos do casamento só no civil. Para a socióloga e professora da FMABC, Silmara Conchão, o conservadorismo, a educação e a cultura das famílias do ABC, a influência da igreja e até questões econômicas moldam a realidade da região. Mas ela estima que nos próximos levantamentos a situação pode se inverter, igualando o que já acontece na média nacional.

“No ABC a gente tem uma população muito ancorada em valores institucionais como organizações sociais, as quais podemos citar; a igreja, o sindicato, enfim uma sociedade costumeiramente pautada em valores tradicionais e por isso o casamento ainda tem um peso simbólico elevado na cultura da região. Com esse perfil de território urbanizado, com essa forte presença de igrejas, o casamento religioso mais o civil, pode ter mais valor social, mais do que em outros locais onde a informalidade da união já domina como apresentado nos números nacionais”, analisa a socióloga.

“Eu avalio a nossa região como ultra-conservadora, apesar dos avanços que tivemos na história dos direitos trabalhistas, na luta sindical do fim do século passado, ainda temos uma tradição extremamente conservadora”, continua a professora da FMABC.

Silmara Conchão cita questões econômicas que fazem a união consensual ganhar espaço frente ao conservadorismo. A influência religiosa também determina que o casamento tradicional seja a opção escolhida pela maioria. “O casamento e a separação custam caro. Os buffets, as igrejas, todo esse movimento do casamento formal ainda é um ambiente economicamente e culturalmente valorizado. Isso pode manter o casamento mais desejável ainda. Porém, mesmo com uma renda per capita maior, a região tem suas contradições. Temos um abismo muito grande de desigualdade com pessoas em situação de extrema exclusão social, mas mesmo nestes lugares a presença da igreja também é forte e ela puxa essa ideia do casamento que ainda é de expectativa muito grande da sociedade em relação aos papéis sociais dos homens e das mulheres. Portanto, essa cultura do casamento atinge as pessoas mais abastadas e também as menos favorecidas porque a igreja está firme e forte lá, determinando padrões de comportamento”.

As questões culturais também contribuem para os casamentos tradicionais, mas Silmara acredita que o ABC deve caminhar no sentido e seguir a média nacional. “Espera-se que, ao nascer, a pessoa cresça e deseje sexualmente o sexo oposto que namore, case e tenha filhos. Essa expectativa ainda é um padrão dominante, fora disso as pessoas são rotuladas como anormais. Essa transição pode estar acontecendo de maneira mais atrasada no ABC, mas que a tendência é que aqui também acompanhe o que acontece no Brasil afora, a tendência é de mudança. Essa mudança reflete alteração de valores, de economia familiar, de moradia, de religiosidade e de representações do modelo de família”.

As questões econômicas, mesmo para quem pensa em se casar pesam, principalmente para os jovens que precisam estudar mais se quiserem estabilidade e salário melhores. “A população jovem vive em um mercado precarizado, olha aí a luta contra a jornada 6x1. Se vive hoje em uma realidade de salários muito baixos, instabilidade no emprego, existe também galera que está dedicando mais tempo da sua vida a estudos, os mais abastados, mas há a dificuldade de acessar moradia, pagar financiamento ou aluguel. Festas, rituais, papéis, cartórios, tudo isso somado custa muito caro e o casamento vai sendo adiado. Então o jovem busca uma carreira e está perdendo a centralidade da religião no casamento. Esse tabu está diminuindo, o casamento já é visto por muitos não como uma obrigatoriedade, como um único caminho ou destino. Hoje para muitas mulheres casar é uma possibilidade e não mais um destino ou obrigação. Essas mudanças, no entanto, ainda não atingiram todas as mulheres”, completa a socióloga.

<https://www.reporterdiario.com.br/noticia/3730867/casamento-tradicional-resiste-no-abc-e-segue-a-frente-da-uniao-consensual/>

Veículo: Online -> Site -> Site Repórter Diário

Seção: Cidades